

A PROSA ADONIANA: REPRESENTANTE DA IDENTIDADE E CULTURA GRAPIÚNA

Mestranda Gleide Conceição de Jesus¹

Prof. Dr. Benedito José de Araújo Veiga²

Resumo: Este trabalho versa sobre a relevância da escrita de Adonias Filho que, com sua capacidade crítica e perceptiva, documentou o surgimento da nação grapiúna, relatando seus traços culturais e a construção da identidade desse povo, que em busca de melhores condições de sobrevivência vieram para o sul da Bahia. Este estudo sociocultural se faz presente na obra *Sul da Bahia: Chão de cacau* (uma civilização regional) (1976), em que o autor relata a vinda dos desbravadores oriundos de várias partes do país, principalmente do sertão, os quais contribuíram para a estruturação e organização social/econômica local, deste modo povoando e desenvolvendo uma região que antes do surgimento do “ouro marrom” não se fazia cobiçado por ninguém

Palavras-chave: Homem; Língua; Trabalho; Cultura; Identidade.

1-Introdução

Catalisador e disseminador de cultura, o homem vive em busca de uma definição para seus costumes praticados coletiva e individualmente, inquietação que o persegue por séculos. A palavra cultura vem de colere, pertence ao latim que significa cultivar, definida também como um conjunto de intrincados que abarca o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões obtidos pelo homem em momento grupal ou individual.

Ao longo dos anos muitos estudos foram e continuam sendo feitos no intuito de intensificar o significado real do que seria cultura. Diversas áreas científicas dão significado a esse comportamento humano, dentre elas é possível citar a ciência social que, em suas investigações explica a cultura como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade. Seria a herança social da humanidade ou ainda de forma específica, uma determinada variante da herança social. No campo filosófico a cultura é vista como conjunto de manifestações humanas que contrastam com a natureza ou o comportamento natural. Já na biologia a cultura é uma concepção especial de organismos para fins determinados. Para os antropólogos, a cultura nada mais é do que a soma dos padrões

¹ Mestranda do curso do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: meninadasletra.uefs@hotmail.com

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana e-mail: bveiga@uol.com.br

aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano.

Dentro desses padrões existem inúmeras conquistas que contribuíram para o desenvolvimento do homem quanto ser social, dentre elas – a fala que concomitantemente desembocou na escrita. Ao longo dos tempos o ser humano evoluiu, e nesse processo difundiu o raciocínio, ampliando sua capacidade perceptiva. Através da língua, bem cultural, o homem pode expor seus pensamentos, sentimentos, ideias, histórias, experiências, etc. Isto, se considerarmos que a língua é vista como uma unidade viva que está em constante evolução.

O homem envolto nesse turbilhão de mudanças conseguiu não só desenvolver o raciocínio e a fala, como também a capacidade de se organizar culturalmente, pois este, ao longo de sua trajetória foi modificando a natureza, por causa de suas necessidades gerou aquilo que hoje denominamos de trabalho. Com o trabalho o ser humano transformou o osso de um animal em anzol, um conjunto de plantas medicinais em remédio, usou de sua inteligência para modificar o ambiente em prol de seu conforto, confeccionando instrumentos e utensílios para edificação de moradias, aprimorando a agricultura e a pecuária.

No desenrolar de suas produções surgiu à arte, a religião, a ciência, a literatura, os valores éticos, em fim, elementos que culminaram no que intitulamos de cultura. Desta forma, pode-se dizer que o homem é um ser cultural, já que somente ele é capaz de criar e transmitir cultura. Entende-se por cultura tudo que o homem pensa e produz, seja palpável ou não. O antropólogo Darcy Ribeiro, em seu livro *Noções de coisas* (1995) define cultura como tudo aquilo que o homem produz sendo resultado de seu pensar e labor, antes mesmo de tornar concreto qualquer objeto, ou até mesmo dá existência a uma música, por exemplo, o homem em seu ato reflexivo, produz cultura, vê-se:

Chama-se cultura o que é feito pelos homens, ou resultado do trabalho deles e de seus pensamentos. Por exemplo, uma cadeira está na cara que é cultura porque foi feita por alguém. Mesmo o banquinho mais vagabundo, que mal se põe em pé, é uma coisa cultural (...). Uma coisa qualquer (...) é claramente um produto cultural, porque é feita pelos homens (...). Mas estas são coisas de cultura material (...). Há, também, para complicar as coisas da cultura imaterial (...). A fala. (RIBEIRO, 1995, p.34).

Durval Muniz de Albuquerque Júnior sintetiza o conceito de cultura:

O que chamamos de cultura, conceito que por seu uso no singular já demonstra sua prisão à lógica da identidade, é na verdade um conjunto múltiplo e multidirecional de fluxos de sentido, de matérias e formas de expressão que circulam permanentemente, que nunca respeitaram fronteiras, que sempre carregam em si a potência do diferente, do criativo, do inventivo, da irrupção, do acasalamento. Na verdade nunca temos cultura: temos trajetórias culturais, fluxos culturais, relações culturais, redes culturais, conexões culturais, conflitos, lutas culturais. As classes ou grupos sociais hegemônicos é que, muitas vezes, querem fazer de suas

manifestações culturais a cultura. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.3, grifos do autor)

Mencionado anteriormente, a Literatura está incutida nas produções culturais da humanidade, todavia, esta é a expressão do ser humano forma privilegiada de manifestar comunicação, pois explora as potencialidades da linguagem, de todos os signos linguísticos bem como é a ponte para alcançar o conhecimento e a formação cultural, intelectual, moral, estética e ideológica. É possível corroborarmos esse pensamento alicerçando-nos nas palavras de Coutinho (2003, p.46)“A literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético; sendo assim torna-se um valioso objeto de estudo”. Diante disso,entemos que o autor baiano Adonias Filho, traz em seu livro *Sul da Bahia: Chão de cacau (uma civilização regional)* (1976),um estudo minucioso sobre o surgimento daquilo que ele mesmo nomearia de a “civilização” do cacau,um complexo regional que conseguiu difundir sua cultura assim como os homens das primeiras civilizações que buscavam aperfeiçoar o cultivo da agricultura e a convivência em grupo.

Em *Sul da Bahia: Chão de cacau (uma civilização regional)* é possível analisar o desenvolvimento cultural e o processo de afirmação identitária da nação grapiúna³, onde se mesclaram povos e costumes diversificados, elementos predominantes na composição da “civilização” do cacau. Para Adonias Filho, a formação da “civilização” do cacau se deu através da fusão entre o espaço geográfico seus elementos sociais - econômicos. Essa junção trina garantiu, através de normas, a convivências entre múltiplas identidades concebendo assim o “complexo cultural” específico do Sul da Bahia. Nesse ambiente, houve o encontro de povos – baianos vindos do extremo sertão, sergipanos, índios, negros, europeus e, depois do desbravamento, sírios e libaneses –, um encontro nem sempre sossegado, muitas vezes turbulento, pois se tratava de povos dessemelhantes que buscavam concretizar seus ideais.

A idealização de sonhos e a busca do “eldorado” contribuíram para o desenvolvimento do sistema de produção do cacau, ligando várias pessoas e as suas minudências, convergentes de um mesmo objetivo, tornando-os individuais e coletivos em seus desígnios, sempre buscando o seu lugar de pertença. Entende-se por lugar de pertencimento o espaço que abarca as reflexões sobre uma determinada identidade cultural, pois segundo Bauman (2005, p.26) “[...] a ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de

³ Expressão derivado do dialeto indígena: o tupi, no qual igarapé-una significa riacho preto. Em sua mudança semântica, passou a nomear um pequeno pássaro preto e branco, popularmente conhecido como viúvinha e encontrado em várias partes do Sul da Bahia, em especial na zona do Rio de Contas. Tempos depois, ao perder a vogal inicial, a palavra passou a designar toda pessoa nativa da zona do cacau. Desde então essa descrição é feita a partir do ciclo do cacau, detalhando a evolução sócio-econômica da região cacaueira. In: PADILHA, Telmo Fontes. **O moderno conto**

transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia [...]”. Sendo assim, o homem está sentenciado a viver sempre em busca do seu lugar de pertença.

Essa procura cooperou para o surgimento de uma nova identidade que o escritor chamou de “grapiúna”, nome de ave típica da região. No romance de Jorge Amado *Gabriela e Cravo e Canela*, o autor usou para designar os naturais de Ilhéus e de Itabuna, inclusive, os de fora que acabavam se instalando definitivamente na região cacaeira, a exemplo da personagem principal do romance supracitado. Para Adonias “grapiúna” é aquele que realmente vem de fora, que está à procura do seu lugar de pouso. Autor da *Trilogia do cacau* registra em seus escritos o processo de ocupação e desenvolvimento da zona cacaeira.

2 SUL DA BAHIA: CHÃO DE CACAU. A GÊNESE DA NAÇÃO GRAPIÚNA

Ao escrever *Sul da Bahia: Chão de cacau (uma civilização regional)*, Adonias Filho imerge no processo de ocupação da região sul da Bahia, na qual se deu o desenvolvimento do plantio do cacau, em consequência a miscigenação e o surgimento de um povo que traz fortes marcas culturais. Ao tratar da ocupação dessas terras, narra à chegada dos desbravadores pioneiros na lavoura cacaeira.

Os desbravadores são homens e mulheres de mesma origem social, que em busca de vida melhor demarcam a terras sulinas da Bahia.

Muitos foram os obstáculos vencidos pelos desbravadores. Ameaças imediatas a serem superadas como: os índios, as doenças e os bichos. A convivência entre esses povos sustentou-se na base do escambo, a reciprocidade foi bastante difundida. Para adentrarem na mata foi necessário criar um mutirão, pois não possuíam recursos para individualmente desbravar. Assim como no surgimento e desenvolvimento da humanidade, a divisão de tarefas na civilização do cacau era árdua e dispendiosa, a convivência em grupo mais uma vez foi necessária para o desenvolvimento de um povo.

O autor grapiúna traz em sua narrativa um traço particular, sua visão telúrica sobre os fatos ocorridos dando veracidade ao seu relato, levando-nos a refletir sobre o processo de estabilização de uma sociedade que com passar dos tempos sofreu fortes modificações tanto físicas quanto geográficas. Baseando-nos nas reflexões de Eco é possível compreender que as fronteiras entre o mundo real e o imaginário, sem estabelecer uma relação hierárquica e dicotômica entre as narrativas históricas e ficcionais. Refletir sobre a importância das duas narrativas e como elas,

simultaneamente, complementa e interage com o leitor.

Para Eco (1999, p.91) “os bosques possíveis” são esses que permitem o trânsito entre as duas narrativas. Logo, ele afirma que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real, porém são, com efeito, “pequenos mundos” que delimitam a maior parte de nossa competência do mundo real e permitem que nos concentremos.

Assim, para Eco (1999, p. 100), “é possível que os autores não só tomem o mundo real por pano de fundo de sua história, como ainda intervenham constantemente para informar aos leitores os vários aspectos do mundo real que eles talvez desconheçam.” Conforme Eco, “o mundo da ficção fornece ao leitor elementos confiáveis” para melhor entendimento do mundo real. Esses atributos literários são vistos por Sevcenko (1985, p. 20) como um instrumento que exterioriza, através das narrativas, as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram e a conceitua como “[...] a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro, visando reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e da perplexidade. [...]”. Esse é o fazer adoniano.

Ainda refletindo sobre a importância da literatura Sevcenko chama a atenção para a “[...] liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo.” (1985, p. 20). A narrativa adoniana ultrapassa o estereótipo de literatura de entretenimento, cumprindo o seu papel de instrumento de denúncia e registro histórico, seu fazer literário condiz com o pensamento de Sevcenko que enxerga a literatura como:

[...] mais do que o testemunho da sociedade, trazer em si a revelação dos seus focos mais cadentes de tensão e mágoa dos aflitos. Deve traduzir em seu âmago mais um desejo de mudança do que os mecanismos de permanência [...] (SEVCENKO, 1985, p. 20).

Em *Sul da Bahia: Chão de cacau (uma civilização regional)* é notório o compromisso de Adonias Filho com a verdade histórica do povo grapiúna, sua narrativa documenta o surgimento dessa nação, reproduzindo a realidade vivida nesse momento histórico, segundo Günter W. Lorenz (2010, p.135, apud, Dantas) “Adonias Filho assumiu que a sua literatura é de testemunho: “[...] a minha literatura é uma confissão que faço de mim mesmo e é simultaneamente uma espécie de testemunho para os outros. E possivelmente assim seja a verdade [...]”.

2.1A IDENTIDADE DA CIVILIZAÇÃO DO CACAU

Para Adonias Filho, o Brasil foi constituído por um “intricado cultural” que se distinguiu

pelo “intercurso” do indígena, português, africano, e mais, pelo determinismo geográfico, ação-espço ambiente. Em sua visão cada região brasileira cuidou em cultivar seu próprio complexo cultural. Essa noção de complexo cultural vem de Gilberto Freyre, autor que confere o mesmo sentido sociológico ou antropológico ao processo que formou “uma espécie de constelação cultural” no Brasil colonial, resultando o complexo da mandioca, do tabaco, etc. Adonias Filho acrescentou a este o complexo do cacau.

É válido salientar que, Adonias Filho simpatizava de maneira veemente com o conceito de que cultura era o resultado da soma entre o sistema biológico e o espaço geográfico, haja vista que, para ele o espaço geográfico era fator determinante para a afirmação cultural e identitária de um povo.

A simpatia adoniana converge para teoria freyriana, Adonias Filho, labuta com a ideia de que o sistema cacaeiro obrigou a miscigenação e a formação de um complexo cultural regional. Contudo, afasta-se das ideias do sociólogo quando o assunto é violência. Para Gilberto Freyre, a economia baseada monocultora latifundiária culminou em violência; enquanto que, para Adonias ela seria proveniente da natureza humana, que poderia ser intensificada por fatores externos, como aconteceu na passagem da comunidade dos pequenos lavradores para a sociedade capitalista.

Dentro desse complexo cultural cabe a afirmação de que identidade é a equidade completa, entre cultura e identidade. Cultural é um adjetivo do saber. Assim, a conexão entre as duas expressões produz o sentido de auto-reconhecimento. Muitos temas contemporâneos sobre cultura se relacionam com questões sobre identidade. Na percepção individual ou coletiva da identidade, a cultura exerce um papel basal para demarcar as diversas personalidades, os padrões de conduta e ainda as características próprias de cada grupo humano. A influência do meio invariavelmente compõe um ser, ou seja, (re) constrói. A esfera que habitamos foi inundada de inovações e ações temporárias, consequência da busca constante de renovação da humanidade.

Em tempos remotos a genuinidade das identidades culturais era salva guardada, pois o contato entre culturas diferentes era mínimo. Hoje com o desenvolvimento da humanidade e a divisão em nações, ocorreu à ampliação do intelecto humano consequentemente alargou-se o contato de pessoa para pessoa, alicerçado pelo advento da globalização. Quando há o contato direto entre cultas, renovam-se os conhecimentos e o saber.

Seguindo no percurso da análise da obra supracitada e, na relevância de atentarmos para o conceito de identidade cultural, podemos aportar nas palavras de Stuart Hall (1999) que sopesa identidade cultural como sendo um intricado de aspectos relacionados à nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Ao analisar a questão, este autor focaliza particularmente para identidades culturais referenciadas às culturas nacionais. Para o

antropólogo, a nação ultrapassa a concepção de instituição política, atinge a formação de um sistema de representação cultural. Em outras palavras, a nação é composta de aspectos e símbolos que alicerçam a composição de uma dada identidade nacional.

Deste modo, Hall (1999), as culturas nacionais, nos oferta elementos com os quais podemos nos identificar e construir, as nossas identidades. Esses elementos estão debelados em histórias, memórias e imagens que servem de códigos, de conexões para a formulação de uma identidade da nação. Vivemos ultimamente numa “crise de identidade” diz Hall (1999) que é resultado do turbulento processo de mudanças sobrevindas nas sociedades modernas. Tais mudanças assinalarem-se por causa do destroncamento das estruturas e processos fundamentais dessas sociedades, estremecendo os antigos quadros de referência que adequou os indivíduos a uma estabilidade no mundo social.

A modernidade enfraquece a identidade. Conforme ele, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade não mais oferecem “sólidas localizações” para os indivíduos. O que existe agora é descentralização e deslocamento do ser humano mediante a carência de um referencial fixo e sólido para a concepção de uma identidade, referentes estes, que se baseiam numa ideia de nação.

É possível colocar o individuo grapiúna dentro desta concepção de cultura e identidade, como sendo aquele que vivia em busca não só de um chão para a sua subsistência, mas sim de um lugar ou grupo que pudesse lhe possibilitar a chance de construir uma identidade, uma referencial, que fosse além de endereço espacial, e sim o verdadeiro lugar de pertença. O que nos possibilita elencar ao sincretismo cultural de Adonias Filho outras teorias.

Assim, a exemplo de outros autores Adonias Filho fez uma mesclagem de vários conceitos e ideias, noções, preconceitos, definições, todos de cunho investigativo e comum, independentemente de suas visões políticas. Mesmo com abordagens e compromissos políticos diferentes, cada um buscou o que era apropriado para o seu conceito- explicativo, realizando o mesmo procedimento de aproximação e afastamento dos elementos impróprios.

3 CONSIDERAÇÕES

A literatura é um estratagema da palavra, esta serve como subterfúgio de a investigação, diversos são os lapidadores desse artifício, dentre eles destacamos Adonias Filho, autor que não se ressabiou diante das estruturas linguística desgastada e antiquada, logo proporcionou ao seu leitor um mecanismo sintático moderno condizente com sua narrativa, distanciando-se da rotulação regionalista. O processo de desenvolvimento da nação grapiúna, a incessante busca por fixar uma

sociedade econômica, culminou com a junção de várias identidades e culturas advindas de várias partes do país, solidificando desta forma um espaço regional estruturado, pois, segundo Adonias Filho (1976, p.14),

É nesse espaço regional que se estabelece uma estrutura social definida. Poder-se-á afirmar mesmo que essa estrutura se revela à sombra de bases perfeitamente identificadas. E, se realizadas, as pesquisas de campo mostrarão ao lado da organização econômica também condicionada ao cacau (...). E são esses componentes que, somados, refletem a civilização do cacau como um modelo regional de complexo cultural caracterizado.

Esse cruzamento de informações e conhecimentos contribuiu para solidificação da nação grapiúna, onde seres apátridas buscavam espaço que lhes possibilitassem meios para sobreviver, foram pilares nutritivos para o surgimento e desenvolvimento de espaço que antes era inabitável, mas que o desenrolar do progresso culminou em caracterizar uma civilização regional, que ficou conhecida pela narrativa maestrina adoniana. Dentro dessa narrativa é possível analisar o estabelecimento da cultura e identidade grapiúna. Com essa narrativa temos em mãos um valioso documento histórico que possibilita o estudo não só do surgimento dessa nação, mas também dos problemas sociais engendrados pela a população da zona cacauzeira.

REFERÊNCIAS

- ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia: chão de cacau. Uma civilização regional**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / MEC, 1978. (1ª edição: 1976), pp. 27/28.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fragmentos do discurso cultural: por análise crítica do discurso sobre cultura no Brasil, In: **Teorias e políticas da cultura: visão multidisciplinar**. Organização de Gisele Marchiore. Salvador: Edufba, 2007, p.257. Coleção Cult.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL, Assis. **Adonias Filho**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- COUTINHO, Afrânio **A literatura no Brasil**. Vol. I a VI, 6ª ed. São Paulo: Global, 2003.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Feist Hildegard. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DANTAS, Robson Norberto. **Entre a Arte, a História e a Política: Itinerários e Representações da "Ficção Brasileira" e da Nação Brasileira em Adonias Filho (1937-1976) / Robson Norberto Dantas**. Campinas, SP: [s. n.], 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 27ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

RIBEIRO, Darcy & ZIRALDO. **Noções de coisas**. São Paulo, FTD, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. Editora Brasiliense, 1985.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Adonias Filho: da memória à ficção. In: **Caminhos da ficção**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996, p.81.

VIEIRA, Alice. **O prazer do texto**- perspectivas para o ensino de literatura. São Paulo. E.P.U. 1978.